



IXº ENCONTRO DE ESCOLA – EPFCL, 23 DE JULHO DE 2026, SÃO PAULO

Passa a analista: aporias do testemunho

Preludio 3

Para além das nomeações, o principal interesse do passe é manter em aberto a questão do ato analítico e do desejo do analista, graças ao qual esse ato é possível. Este desejo, que Lacan especificou em 1964 como o desejo de obter a diferença absoluta¹, só surge no final da análise. O que o cartel do passe deve, portanto, questionar é se este novo desejo surgiu no passante.

Dizer que é graças ao desejo do analista que o ato analítico é possível, é atribuir um valor performativo a esse desejo. O que implica que tal desejo só é verificável quando o ato já ocorreu, mas, por razões de temporalidade, a única coisa que o cartel do passe pode fazer é questionar se existem as condições necessárias para que o ato analítico possa ocorrer, e uma dessas condições é que o passante tenha assumido sua própria diferença.

A diferença absoluta refere-se à identidade, ou seja, ao que o indivíduo tem de mais singular e que nada deve às identificações com o Outro. Se levarmos em conta as últimas contribuições de Lacan, podemos considerar essa diferença como o real que constitui a “Unaridade” do gozo do falasser² (*parlêtre*). Mas se o sujeito não quer saber nada de seu “ser de gozo”, é porque o real fora-do-sentido (*hors-sens*), que está em jogo, o dessubjetiva, destituindo os significantes através dos quais ele tenta se representar.

No entanto, não é porque o sujeito não queira saber nada, que esse real — rebelde ao pensamento — se deixa esquecer. A prova disso é que ele emerge repetidamente nas diferentes formações do inconsciente (lapsos, atos falhos, sonhos, sintomas). É justamente essa repetição que, numa análise, nos permite identificá-lo e reconhecer nesse real a marca de um gozo singular. O reconhecimento dessa marca, que equivale à identificação ao sintoma, poderia ser enunciado assim: “Eu sou esse modo de gozo que

¹ Lacan, J. (1964). O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 260.

² O «ser-falante» (*parlêtre*), constitutivo do inconsciente real, designa simultaneamente o ser da falta e o ser do gozo (*l'être de manque et l'être de jouissance*).

determina meus atos e meus ditos”. Daí podemos deduzir que o fim da experiência do divã conduz à subversão de: “Penso, logo existo”.

É a essa subversão do sujeito cartesiano — reduzido à sua representação no pensamento — que Lacan se refere quando afirma, em 1967, que a aporia do relato do ato analítico se deve ao fato de que, nesse ato, «o objeto é ativo e o sujeito subvertido³». O que se traduz pelo fato de que, no ato, o analista não pensa, já que o pensamento é incapaz de captar o real. Razão pela qual o analista «se torna o objeto a», ou seja, o objeto «mais-de-gozo» (“plus-de-jouir”), que o analisante transfere sobre ele. Digamos, portanto, que é ao se prestar a representar esse objeto que o analista permite ao analisante reconhecer sua diferença absoluta. E é precisamente nisso que o desejo do analista é performativo. Cabe, no entanto, destacar que sustentar esse ato, no qual o analista não pensa, resulta da conclusão que se impõe quando se dedicou tempo para pensar a psicanálise.

A identificação ao sintoma, no final da análise, garante uma forma singular de vínculo com o parceiro sexual, mas implica, antes de tudo, que o analisante tenha levado em conta o saber sem sujeito que repousa no real. O problema é que, ao querer verificar se esse é o caso do passante, o cartel do passe se depara com essa aporia, que se deve ao fato de que, no inconsciente real, o sujeito está como falasser (*parlêtre*), mas não pode se reconhecer como sujeito pensante. E, como sabemos, o testemunho provém de um sujeito que pensa. Então, se “onde penso, não sou” e “onde sou, não penso”, o que é que pode demonstrar que o sujeito levou em conta o real que o identifica? Lacan responde: a satisfação que marca o fim da análise⁴. Esse afeto serve de demonstração, na medida em que testemunha um saber-fazer com o gozo de seu sintoma que põe fim ao gozo-sentido (*joui-sens*) da verdade mentirosa.

Concluamos, no entanto, que, longe de ser um efeito automático do tratamento, a satisfação é o resultado de uma opção ética, ou seja, de uma resposta do ser ao que descobre do real que o identifica. E é precisamente essa opção ética que o cartel do passe deve avaliar no passante, já que somente essa opção lhe permitirá reconhecer a diferença absoluta de seus analisantes. Destaquemos, por fim, que, além da avaliação, o que no passe pode servir de ensinamento para a Escola é a produção de saber que resulta do que o passante aprendeu em seu percurso analítico.

Rosa Guitart-Pont
(secretária, pela Europa, do CIG 2025-
2026)

Tradução:Ida Freitas

³ Lacan, J. (2003). O engano do sujeito suposto saber. In J. Lacan. Outros escritos (pp.329-340). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Conferência proferida em Nápoles, em 14 de dezembro de 1967.

⁴ Lacan J. (2003) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. Em Outros escritos, p.568, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 17 de maio de 1976).

